

Rindo-se, Definem-se os Gêneros Televisivos: As Paródias de Casos de Família e o Talk Show Popular Como Categoria Cultural¹

Rafael Barbosa Fialho MARTINS²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O artigo analisa as paródias sobre o programa *Casos de Família* em busca das principais convenções que nos permitem considerá-lo como filiado ao subgênero televisivo “*talk show* popular”. Tal tarefa visa contribuir para uma melhor compreensão das características, potencialidades e expressividade cultural do referido subgênero e do programa em si. Com a análise de oito paródias, identificamos características centrais que são associadas ao tipo de programa parodiado: 1. A vinculação do *talk show* popular a temas da intimidade cotidiana; 2. O tom popular traduzido em uma abordagem agressiva; 3. O *talk show* popular como lugar de resolução de conflitos; 4. A coexistência de funções específicas na cena interativa do programa; 5. O efeito humorístico advindo da abordagem e do conteúdo que ele veicula.

PALAVRAS-CHAVE: Casos de Família; *talk show* popular; SBT; paródia; televisão.

INTRODUÇÃO

Telebarraco, vespertino, feminino, popular, programa de auditório: esses e outros termos são comumente empregados para se referir ao programa de televisão *Casos de Família*, exibido pelo SBT desde 2004, sobre o qual o presente artigo investe seu olhar. Alvo das mais diversas críticas tanto por parte da imprensa especializada (MARTINS, 2017) quanto da academia, a atração padece de uma indefinição quanto à sua terminologia que acaba por tornar opacas as visões e interpretações a respeito do tema.

Indo além da maioria dos estudos sobre o programa, entendemos que tratar o formato de *Casos de Família* como um exemplo da manifestação do subgênero televisivo “*talk show* popular” pode contribuir para uma melhor compreensão de suas características, potencialidades e expressividade cultural, para além da televisão. Ao considerá-lo como filiado ao subgênero em questão, buscamos evitar os preconceitos e

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 4 - Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Doutorando em Comunicação Social pela UFMG, e-mail: rafaelbfialho@gmail.com.

vícios que, normalmente, acompanham análises e escrutínios que, em nosso entendimento, até hoje não descortinaram o potencial de programas como esse.³

A nomenclatura “*talk show* popular” foi adotada como uma tradução livre para alguns nomes que designam o mesmo tipo de programa. Na literatura estrangeira, que já debateu o assunto em vários âmbitos, são comuns os termos *daytime talk shows*, *Audience discussion programmes* (LIVINGSTONE; LUNT, 1994), *Daytime Audience-Participation Show* (TIMBERG, 2002), *confessional talk show* (SHATTUC, 1997), *tabloid talk shows* (GAMSON, 1998) e *issue-oriented talk shows* (SHATTUC, 1997).

Para Livingstone e Lunt (1994), os elementos centrais dos *talk shows* populares são: a) publicização da intimidade de convidados anônimos; b) a atuação de um/a apresentador/a que conduz o programa; c) a participação de um/a expert em determinado assunto (advogados, psicólogos, médicos etc); d) inclusão das opiniões da plateia; e) escolha de temas relacionados ao campo político, pessoal ou social; f) conflito de pontos de vista; g) participação dos convidados no desenrolar da conversa; h) aconselhamento e debate no nível emocional/pessoal e não científico; i) baixo custo de realização; j) exibição ao vivo ou com “efeito de ao vivo”.

Mas como definir um gênero ou um subgênero televisivo? Para Mittell (2001), Gêneros televisivos são categorias culturais que superam os limites dos textos midiáticos e operam dentro da indústria, da audiência e de práticas culturais. Falar de gênero em televisão é importante para a auto-definição da indústria, para a orientação do telespectador, para as pesquisas acadêmicas, para o mercado em si. No caso em estudo, ao buscarmos qualificar melhor o subgênero em que *Casos de Família* se insere, almejamos:

- i) Comprovar a pertinência do subgênero *talk show* popular em nossa cultura e literatura acadêmica, na qual, diferentemente de estudos estrangeiros, ainda não o contempla à altura de sua expressividade cultural e televisiva;
- ii) Dirimir confusões teóricas e terminológicas que identificamos após realizar um estado da arte sobre o programa de Christina Rocha;

³ É justamente sobre esse potencial do *talk show* popular que versa a pesquisa de doutorado do autor do presente artigo. Intitulado *Casos de Família e o lugar do talk show popular na televisão*, o estudo em andamento visa compreender como esse tipo de programa se apropria da realidade em que se insere e dá visibilidade ao tema da violência doméstica contra a mulher.

-
- iii) Alinhar *Casos de Família* aos estudos que demonstram o papel político dos *talk shows* populares a fim de discutir o potencial de *Casos* para a visibilidade do tema da violência doméstica contra a mulher.

Mittell identifica algumas tradições de pesquisa sobre gênero, todas centradas na textualidade, ou seja, que consideram gênero como um atributo meramente textual. Esse foco exagerado no texto acaba por empobrecer as análises. Os gêneros realmente categorizam textos, organizando práticas industriais e de consumo da audiência, mas o autor adverte que

Isto não é para sugerir que os gêneros não são primariamente categorias de textos, mas há uma diferença crucial entre conceber o gênero como categoria textual e tratá-lo como um componente de um texto, uma distinção que a maioria dos estudos de gênero elide (2001, p. 5).

Nessa concepção, os gêneros televisivos são definidos socialmente, e os critérios para a definição deles são muito variados – o que só comprova que não há nada interno aos textos que os faça já, de saída, serem classificados em um ou outro gênero. Além disso, é problemático pensar em gêneros puros; eles se misturam e se afetam, mostrando seu dinamismo cultural.

Os gêneros são conformados a partir de relações intertextuais que decorrem de práticas culturais. Ou seja, dependem não da materialidade dos programas televisivos em si, mas das relações que nós fazemos deles a partir de nossas práticas culturais. Logo, devemos olhar para fora dos textos e identificar os campos nos quais os gêneros operam, mudam, proliferam e desaparecem. Mas se os gêneros não são propriedades unicamente dos textos televisivos, de onde deve partir a análise genérica? Mittell (2001) defende que o material para análise encontra-se nas práticas discursivas que se dão no entorno dos gêneros:

Devemos reunir o maior número possível de enunciados diferentes acerca do gênero, incluindo documentos corporativos, resenhas e comentários de imprensa, relatos de periódicos, paródias, políticas regulatórias, práticas de audiência, manuais de produção, outras representações de mídia, propagandas, e os próprios textos. Unir esses numerosos discursos começará a sugerir padrões mais amplos de definições, significados e hierarquias genéricas, mas devemos chegar a essas macro-características através de uma análise de micro-instâncias. Embora descontinuidades e rupturas entre definições, significados e valores certamente surjam, os discursos genéricos apontam para regularidades maiores que proporcionam a aparência de estabilidade e coerência em um gênero (MITTELL, 2001, p. 9, tradução nossa).

Logo, tendo em vista tais pressupostos teóricos, o presente artigo visa responder à seguinte pergunta: de que modo as paródias sobre *Casos de Família* evidenciam as

convenções do *talk show* popular e contribuem para a consolidação do programa como uma expressão do referido subgênero televisivo? Com essa indagação, propomos partir da análise das paródias do programa em busca de “pistas” que nos indiquem as principais marcas e convenções que nos permitem identificar a expressão do subgênero no programa em questão.

A seu turno, as paródias são alusões cômicas a textos e obras artísticas que invertem o sentido original e questionam normas, papéis e convenções da sociedade. Para ser compreendida, a paródia deve partir de sentidos reconhecidos previamente pelo público para, depois, romper ou recriar esses sentidos (HUTCHEON, 1989). Para Gabriela Borges (2015, p. 12),

A paródia expõe as convenções da linguagem televisiva e explicita os seus mecanismos por meio de um diálogo entre os seus códigos. Este diálogo possibilita novas produções de sentido que surpreendem o público e promovem um distanciamento crítico entre aquilo que é produzido e consumido diariamente na televisão e as novas obras que o incorporam. A ambiguidade da paródia gera elementos que podem contribuir tanto para criticar, quanto para inovar a produção de obras no panorama audiovisual contemporâneo, que carece de novas experimentações estéticas.

Os textos paródicos atuam i) emulando um texto anterior, indo além dele, e ii) rindo dele, criticando-o. Uma paródia, ao mesmo tempo, evoca e se diferencia o objeto parodiado, e é justamente esse movimento de aproximação que nos interessa, por acreditarmos que ele nos revela marcas centrais do *talk show* popular (HARRIES, 2000). Hutcheon (1989) destaca diferenças entre paródia e sátira: enquanto a sátira promove uma leitura negativa sobre seu objeto distorcendo, depreciando, ferindo, a paródia não se ocupa predominantemente em fazer julgamentos críticos suscitados pelo contraste irônico. A autora esclarece que tais gêneros podem se misturar, dando origem a textos compostos por forma paródica e intenção satírica. No presente artigo, apesar de entendermos que a empiria traz exemplos dos dois gêneros textuais, chamaremos todos os vídeos analisados de paródias, para fins de simplificação, mas evidenciando, na análise, suas intenções paródicas, satíricas ou híbridas.

ANÁLISE DAS PARÓDIAS

Coisas de Família⁴

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x_1qgN9RFIQ>. Acesso em: 20 abr. 2018.

A associação de *Casos de Família* aos “barracos” começa já na abertura, a qual traz uma logo formada por balões de fumaça que simboliza briga, símbolo muito usado em histórias em quadrinhos; se na vinheta original o nome do programa aparece acompanhado de uma borboleta voando, aqui vemos moscas sobrevoando. A vinheta paródica tem a mesma música, mesma cor do original, e traz imagens de brigas, seja entre os convidados, seja entre a apresentadora e os convidados. Cenário, GC (gerador de caracteres), plateia e chamada pré-intervalo também lembram o programa original.

Os temas abordados tratam de questões de comportamento, sempre com viés humorístico: “Minha inquilina passa o dia cantando hinos”, “Desconfio que minha vizinha faz catimbó pra mim”, “O filho da vizinha acha que é a Joelma do Calypso”, “Meu marido deixa o salário todo no cabaré”, “Esse menino não parece comigo, quero o exame de DNA”, “Meu marido não dá mais no coro”.

A apresentadora, nomeada como Cristina Arrocha, conduz o quadro, convoca a plateia, que participa opinando sobre os casos, e até mesmo discute com os convidados, em uma postura autoritária. Em determinado episódio, ela chega a entrar em confronto físico com uma convidada. Há a psicóloga Dra. Ana do Mico, em alusão a Anahy D’amico, que também usa cabelo avermelhado curto e óculos. Contudo, sua fala é sempre confusa, e não é possível compreender sua dicção; em outros episódios, quem dá um parecer “clínico” é o Dr. Eudô Fonseca, personagem que satiriza o psicólogo Ildo Rosa da Fonseca, que participou de *Casos* por alguns anos. Ele aparece sambando, provavelmente em referência a um vídeo que circula na internet no qual Ildo dança em *Casos*. *Coisas de Família* tem a premissa de resolver os problemas apresentados, mas em todas as edições, o que se vê ao final é uma confusão generalizada, em que todos (plateia, apresentadora, convidados e profissional da psicologia) entram em confronto no palco, demarcando o tom agressivo geralmente associado ao vespertino do SBT.

Casos de Quadrilha (Programa do Porchat)⁵

Corroborando o exemplo anterior, a paródia em questão utiliza-se do modelo de *Casos de Família* para tratar do tema da corrupção e de acontecimentos atuais no cenário político brasileiro. No palco, vemos dois personagens, parlamentares: Demóstenes foi delatado por Agnaldo. Assim, os dois trocam acusações e tentam se

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hSJ7XVtrHus>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

justificar a respeito do ocorrido, que é tratado como mais um caso de traição, como diz o GC: “Relação que acaba em delação: ‘Fui traído por meu assessor cagueta’”.

A esquete brinca com um artifício muito utilizado por programas populares, a revelação de segredos, já que, além da delação, há mais uma denúncia sobre Demóstenes: uma foto que revela o motivo de ele ser chamado de “homem da mala misteriosa”. Acuado, o político tenta desviar o foco da tensão e faz críticas ao *talk show*, com referências ao *merchandising* que é visto não apenas em *Casos*, como também em outros programas vespertinos: “Gente, mas não tem um intervalo nessa joça pra gente dar uma aliviada? Ô Cristiana, não vamo falar de coisa boa não? Vamo falar de coisa boa! Vamo dar uma aliviada na tensão do programa! Vamo por uma máquina de fazer camisa pros nossos amigo vereador que tão assistindo. Vamo, cadê as condições de pagamento da Top Therm?”.

Ao fim, descobre-se que o apelido de “mala misteriosa” advém de uma montagem feita em uma fotografia de Demóstenes no *Tinder* (aplicativo de relacionamentos) que o coloca com “atributos” avantajados. Por esse crime de “falsidade ideológica”, o parlamentar vai preso e é retirado do palco por policiais federais. O conflito se dá apenas no nível verbal, sem agressões físicas entre os personagens, e a plateia, apesar de interagir com palmas, é mais passiva em relação às outras paródias. A caracterização de Fábio Porchat como apresentadora e o cenário criado a partir de *chroma key*, além do GC e adereços de cena fazem dessa paródia a mais “amena” entre as demais.

Barracos da Bíblia

“Barracos da Bíblia” é o nome dado a três esquetes do humorístico *Tá no Ar* (Globo), cujo objetivo é produzir humor a partir da metalinguagem televisiva. Neste caso, configurando-se mais propriamente como uma paródia, o quadro utiliza-se da estrutura narrativa comum aos *talk shows* populares, mas não faz nenhuma menção crítica a *Casos de Família* explicitamente, embora a associação ocorra, justamente pelo reconhecimento da vinculação de *Casos* ao subgênero em questão.

Todos os personagens estão vestidos com trajes antigos, e o cenário remete a um templo romano. As esquetes têm o mote de transpor histórias da Bíblia para um enquadramento de conflito familiar, o que nos permite inferir que o *talk show* popular seria, então, o lugar privilegiado para a discussão da vida íntima – os “barracos”. As

histórias da bíblia são encenadas em filmetes narrados por uma voz que imita Cid Moreira⁶ e precedem os acontecimentos do palco, que se dão após uma abertura, que em nada lembra *CF*. Os conflitos são os seguintes:

Passagem da bíblia	Tema do programa/conflito central
Noé junta animais para por na arca	“Meu marido gosta mais de bicho do que de mim”/ a esposa reclama que Noé prefere os animais a ela ⁷
Abraão tenta matar seu filho, Isaac	“O pai tenta matar o próprio filho e diz que foi um pedido de Deus” ⁸ / o filho está ressentido com o pai, que se justifica dizendo que estava cumprindo ordens de Deus
A ressurreição de Lázaro	“Sumiu por quatro dias e disse em casa que estava morto” ⁹ / a esposa não acredita que Lázaro morrera e acha que ele a trai

A estrutura do quadro remete a *CF* a começar pelo cenário, pois os convidados ficam defronte à apresentadora que, após entrar no palco sob palmas da plateia, desce uma escada como Christina Rocha e posiciona-se em frente à plateia. A performance da apresentadora (chamada de Myriam Myranda), também lembra Christina, pois Myriam conduz o programa de forma autoritária, gritando para conter as discussões, e organiza os pontos de vista em conflito, ouvindo os convidados e conclamando a participação da plateia. Além disso, ela promove a reconciliação entre os participantes. A plateia participa ativamente: grita, vaia, aplaude e opina sobre os casos, aumentando o grau de polêmica; há a presença de uma especialista, a Dra. Letícia Brandão, que aconselha os convidados e dá seu parecer técnico. Por sua vez, o GC traz o tema do dia e as principais falas dos convidados. Estão presentes até mesmo os *merchandisings* tão comuns em programas populares: em *Barracos da Bíblia*, a apresentadora anuncia a revista de fofocas “Convosco”, com as notícias das celebridades da época de Jesus.

Clássicos de Família¹⁰

A paródia, assim como *Barracos da Bíblia*, insere narrativas consagradas no formato do programa - neste caso, as histórias de Romeu e Julieta e de Star Wars. A menção a *Casos de Família* começa já na abertura, quando é exibido o logo do programa. A apresentadora (Cristina Pedra, interpretada por Paulinho Serra) introduz os

⁶ O apresentador ficou marcado por narrar a bíblia em CD's, e a esquete faz essa associação.

⁷ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4031445/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

⁸ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6652675/programa/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3996642/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=62SX2oSzieE>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

temas, entrevista os personagens, aciona a plateia e, em alguns momentos, coloca-se de modo agressivo. Por exemplo, quando Julieta não responde a uma de suas perguntas, ela ameaça: “Tira o fonezinho de ouvido, meu amor, o programa é meu! Se não tirar eu vou até aí, ó, te meto-lhe a mão na cara, te dou logo uma porrada”.

Membros da plateia provocam os convidados, que reagem de maneira igualmente agressiva. O auditório vaia, grita e ri quando explodem as discussões e brigas físicas. Na esquete de Romeu e Julieta, é possível perceber uma crítica ao tom popular de *Casos de Família*: quando Romeu começa a espancar Julieta, a apresentadora intervém e, olhando para a câmera, grita, tentando se eximir da confusão que se instaura no palco: “Gente, desculpa! Ô Silvio, eu não tenho nada a ver com isso, hein! Por favor! Essa produção só traz favelado em troca de dentadura, pelo amor de Deus! Vamo melhorar esse elenco aqui, gente!”.¹¹ Outra crítica direta ao programa diz respeito à interação forçada entre apresentadora e plateia, como se vê no seguinte trecho:

Cristina: Às vezes a gente fica imaginando assim a nossa família, né, os nossos pais, mas a gente sempre coloca a culpa neles, não é mesmo, gente?

Plateia, em uníssono: É!!!

Cristina: E essa plateia ela concorda com tudo que eu falo, não é mesmo, gente?

Plateia, em uníssono: É!!!

Cristina: Qual é a letra que vem depois da letra D?

Plateia, em uníssono: É!!!

Um dos diferenciais de *Clássicos de Família* é o sotaque utilizado pelos personagens, marcadamente paulistas, provavelmente em referência ao perfil dos convidados do programa do SBT, em sua maioria advindos das periferias de São Paulo. A crítica aos *merchandisings* desse tipo de programa também está presente: enquanto Darth Vader enforca e mata Cristina Pedra, ela anuncia uma tintura de cabelo. Brinca-se, ainda, com o bordão utilizado por Christina Rocha. Se originalmente ela diz ao fim dos programas “Não se esqueça de que aqui no Casos de Família você sempre vai ter uma amiga”, na paródia ouve-se “Eu sou sua amiga, e conta comigo”.

Dramas de Amigas¹²

¹¹ A piada faz menção a uma polêmica: o programa daria uma prótese dentária aos participantes que necessitassem. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/heloisa-tolipan/noticias/2012/08/13/casos-de-familia-oferece-dentadura-como-pagamento-a-participantes/>>. Acesso em: 20 abr. 2018. Embora nunca tenha sido confirmada essa informação, o programa oferece tratamento a mulheres em edições especiais de transformação de beleza, as quais costumam ir ao ar às sextas-feiras.

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UbpUdVgakkq>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

De toda a empiria desta discussão, *Dramas de Amigas* é o exemplo mais diferente, pois parodia *Casos* em uma telenovela voltada ao público infantil: *Chiquititas*, o que reforça a expressividade da circulação cultural do subgênero *talk show* popular na TV (e fora dela). A esquete aparece em meio à narrativa do folhetim como uma solução lúdica e metalinguística para resolver um conflito: a briga entre amigas que disputam o mesmo garoto – Cris e Vivi gostam de Mosca. A paródia chama atenção por ser quase totalmente encenada por crianças, e se pensarmos na classificação indicativa, inferimos que a esquete visa alcançar os pais que assistem à novela e também ao programa, que, idealmente, não poderia ser consumido por crianças – a novela tem classificação livre; já *Casos de Família* não é recomendado para menores de dez anos.

Por ser gravada no SBT, a cena mistura elementos do cenário real de *Casos* com *chroma key* que simulam o original com fidelidade. A plateia infantil atua sempre efusivamente, como nos momentos de “barraco” do programa original, com risadas, vaias, expressões faciais, gritos.

O tom popular fica evidente, num primeiro plano, por meio da linguagem coloquial utilizada por Vivi quando diz a palavra “mutreta”, que não é entendida pela apresentadora. Por sua vez, a caracterização de Cris com pano na cabeça simula o estereótipo da dona de casa ou pelo menos de uma mulher mais pobre, tipo geralmente associado com o público preferencial do programa. Tal escolha, que demonstra a tentativa de enquadramento das personagens em um perfil popular (de modo contrário, elas poderiam estar vestidas como crianças, e não estão), é reforçada a partir do tom agressivo adotado: há briga física entre as amigas, que precisam ser contidas e separadas pelos seguranças (também atores crianças). A plateia grita batendo os pés no chão e gritos “Briga! briga!”.

Mosca é chamado ao palco para se decidir com qual das meninas vai ficar. Ocorrem duas brigas corporais, sendo que na segunda, Cris chega a cair no chão, ação que vem acompanhada de um efeito sonoro humorístico. Chama a atenção a agressividade da cena, já que quando um segurança vai conter Vivi, ela dá uma cotovelada no rosto do ator mirim, além de ouvirmos xingamentos entre as meninas (“essazinha”, “metida”, “mentirosa”). Em tom conciliatório, Bia, caracterizada de Christina Rocha, diz: “Calma, calma, briga não leva a lugar nenhum, e é o começo de toda violência”. Parece haver uma expectativa da função de programas como *Casos de*

Família quando a apresentadora diz para Mosca: “Você sabe que o programa tá aqui pra ajudar você a tomar uma decisão”.

Também há opiniões da plateia (Ana sugere que as duas amigas desistam da ideia de ficar com Mosca e elas a mandam calar a boca). O conflito se dá de forma também verbal. Até mesmo a psicóloga é chamada a intervir. Carol, na novela, também é psicóloga, mas não usa óculos, como está usando na paródia. Logo, ao vê-la com óculos no rosto, entendemos que o figurino visa parodiar uma marca do “personagem” construído por Dra. Anahy ao longo dos anos: os óculos chamativos. “Dra” Carol - a única adulta participante da esquete - é chamada a aconselhar as meninas e emite a seguinte mensagem, em tom de apaziguamento: “Bom, na minha opinião, as duas estão colocando em risco uma amizade tão bonita por conta de um amor não correspondido, por isso eu acho que elas deveriam pensar bem se vale a pena mesmo abalar uma amizade como essa por conta de um menino”. Após o conselho da Dra, Cris e Vivi se reconciliam, e a plateia grita e bate os pés efusivamente.

Casos de Quadrilha (Mix TV)¹³

Neste caso, a estrutura de *Casos de Família* serve a uma crítica não de ordem comportamental, mas social, já que o conflito central se dá em torno da disputa entre traficantes de drogas – o tema é “Ele não me deixa traficar honestamente”. A reclamação do traficante Montanha é que seus clientes estão correndo risco, pois, ao irem comprar drogas, acabam sendo sequestrados por outro traficante, chamado de Dedo Mole. A escolha do tema visa criticar a criminalidade pelo riso, mostrando que o *talk show* popular também tem uma vinculação social, não ficando restrito apenas à abordagem de conflitos íntimos. Confirma esse argumento a chamada para a próxima edição do programa, cujo tema anunciado pela apresentadora é “Ela gasta todo o dinheiro público que eu desvio”.

A esquete inova com uma locação externa, em ambiente muito pichado, associado a um lugar de crime, de gangues e quadrilhas. Mas apesar de romper com o cenário padrão, ainda mantém marcas: a apresentadora fica na frente da plateia na arquibancada, os convidados sentam em banquinhos (caixas de cerveja), entram com palmas e música (e também com vaias).

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KiMw1amaTv8>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

Embora a plateia não opine, a esquete reitera uma das principais críticas feitas a uma convenção do *talk show*: a participação do auditório. Neste caso, a apresentadora se mostra impaciente quando é interrompida pelos aplausos e faz uma piada com uma mulher que aparece desacordada na plateia, parecendo estar dormindo, mas na verdade está morta¹⁴. Outra crítica a essa mesma convenção do subgênero vem de Dedo Mole, que pede para que a plateia pare com as vaias, ressaltando uma das principais condenações que são feitas em relação à credibilidade e à veracidade do que ocorre no programa. Ele diz: “Vamo parar com essa porra de aplauso aí que todo mundo já sabe que essas vaia aí é tudo *fake*, tá chato pra caralho, isso é tudo combinado”.

Como não há psicóloga ou outro especialista, a apresentadora aconselha os convidados e é aprovada pela plateia. Ela tenta fazer uma conciliação entre os dois traficantes, mas como não obtém sucesso, a plateia começa a gritar: “Porrada, porrada”. Interessante observar que, apesar de se passar em um contexto de crime e violência, a cena traz pouca agressão física - menos até do que vimos em *Chiquititas*.

Casos Modernos de Família¹⁵

A primeira paródia explícita de *Tá no Ar*, a esquete brinca com os conflitos que surgem nos grupos de *Whatsapp* formados por familiares. Não há abertura, mas o cenário é bastante similar ao original, o GC e o logo, que é formado por dois balões de diálogo, já dando a tônica da paródia. A apresentadora é a que mais se aproxima de Christina Rocha em aparência e em trejeitos e voz.

A esquete já começa com os personagens (convidados do programa) brigando, discutindo, e a apresentadora intervindo de modo agressivo dizendo “Um de cada vez, um de cada vez, que aqui não é zona não! Vamo deixar o Arlindo se defender também”. A reclamação dos familiares é a de que Arlindo esperou chegar a madrugada para sair do grupo; já a defesa do homem é a de que ele não aguenta mais a quantidade de emojis que recebe no grupo. Uma familiar, gritando, reclama que ele é antissocial, pois ela está cansada de dar bom dia e ser ignorada, a briga prossegue, acalorada. Depois, a apresentadora chama um psicólogo para dar seu parecer; segundo o “especialista”, a atitude de Arlindo de sair do grupo é uma tentativa de romper o “cordão umbilical digital”. A narrativa volta para os convidados, que continuam a brigar; uma das

¹⁴ A piada faz referência ao episódio em que uma mulher foi flagrada dormindo no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, em 2012.

¹⁵ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6557148/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

mulheres parte para cima de Arlindo gritando “Agora eu vou matar” e precisa ser contida por um segurança. A plateia, embora apareça de modo mais comportado em comparação às outras esquetes, no momento do “barraco”, é mostrada brava, gesticulando e batendo palmas. A apresentadora chama o intervalo e diz: “O clima esquentou por aqui”.¹⁶

The Noite

O *talk show* de Danilo Gentili recorre com alguma frequência a *Casos de Família* para inserir brincadeiras em meio às entrevistas quando surgem situações conflituosas sugeridas pelo roteiro. São os casos a seguir:

Situação	Tema
Integrante da banda Família Lima fica o tempo todo jogando o <i>game Pokémon Go</i> /Outro integrante fica muito tempo fazendo a barba/Lucas faz trilhas sonoras para comerciais ¹⁷	“Estou com a Pokébola cheia! Ele trocou a família pelo Pokémon Go”/ “Ele se importa mais com a barba do que com a música”/ “Me acho o maioral porque faço trilha para propaganda famosa”
Integrantes do elenco do <i>The Noite</i> se desentendem e Christina invade o programa para tentar resolver a briga ¹⁸	“Odeio meus colegas de trabalho”
Uma integrante do grupo Fat Family tira muitas selfies/Outra integrante passa muito tempo se arrumando/ Uma das irmãs fala muito etc ¹⁹	“Ninguém aguenta mais. Ela não larga o pau de selfie”/ “Ela se tranca no banheiro e caga para toda a família”/ “Chega! Minha irmã fala mais que papagaio de manicure”

As “homenagens” seguem o mesmo roteiro de *Casos de Família*, explorando elementos como o conflito entre os convidados e a participação da plateia com opiniões polêmicas. A voltagem das brigas aumenta em determinados momentos, exacerbando os “barracos” fictícios que se desenrolam no palco, à semelhança do original. Surgem vários temas dentro de uma mesma edição, e o foco vai mudando conforme o participante: para cada um há um tema específico. Nas duas primeiras esquetes da tabela, a própria Christina Rocha está presente mediando o debate - o que confere maior proximidade ao programa parodiado -, e os comentaristas do auditório são os membros do elenco do *The Noite*. Dra Anahy não participa, e o papel de aconselhamento e

¹⁶ Em um *tweet*, Christina Rocha diz ter aprovado a sátira, talvez por entendê-la como uma legitimação de seu programa em uma atração da Globo. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/tv,adorei-a-satira-diz-christina-rocha-referencia-a-casos-de-familia-na-globo,70002218824>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=giiuGTwPHSs>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xjgCZjJ-AxI>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VJxY30_THls>. Acesso em: 21 abr. 2018.

apaziguamento vem de Christina; numa das edições, o psicólogo responsável por avaliar os casos aparece enforcado, pois não aguentara as brigas e suicidou-se.

A participação de Christina Rocha em duas ocasiões pode ser interpretada como uma indicação de que as paródias acabam por legitimar e divulgar o programa; além disso, sua presença acena como um reconhecimento de que as brincadeiras envolvendo o *talk show* fazem sentido. E em *The Noite*, acionar *Casos de Família* significa dizer que o programa tem a função de resolver querelas familiares e/ou da esfera íntima. Mais uma vez, a plateia é o “termômetro” que sinaliza os momentos de briga e o que é aprovado ou reprovado no discurso dos participantes. Danilo Gentili, especificamente, satiriza as opiniões de senso comum que geralmente são emitidas por pessoas comuns que vão assistir ao *Casos* no estúdio. Por exemplo, na edição com Fat Family, ele diz: “Sobre o assunto pau de *selfie*. Muitas pessoas gostam sim de tirar suas fotos, e daí? Isso não é problema nenhum. O importante é não matar, não roubar, você cuidar dos seus filhos. Acima de tudo, se você tem isso no seu coração, a foto é o de menos. Vamos ter mais respeito um com o outro e aí tá tudo bem”.

CONCLUSÃO – PISTAS DEIXADAS PELAS PARÓDIAS

A julgar pelas paródias vistas neste estudo, *Casos de Família* parece ser o programa mais agressivo, insólito, bizarro e exótico da TV brasileira, impressão que, se comparada a qualquer edição regular da atração do SBT, deve ser revista. Contudo, se os exageros não correspondem totalmente ao que se vê efetivamente na TV, é fato que eles exacerbam elementos constituidores do subgênero ao qual o programa se filia e, por isso, devem ser considerados como “pistas” preciosas para entendermos como tal subgênero televisivo circula enquanto uma categoria cultural e se manifesta no programa de Christina Rocha. Assim, a partir da análise, chegamos a algumas considerações que emergem das paródias e parecem confluir em direção à definição e consolidação do *talk show* popular. Em suma, entende-se que:

1. O *talk show* popular é fundado no conflito de intimidade cotidiana – o subgênero configura-se predominantemente como um espaço privilegiado para temas comportamentais, de foro íntimo, mas também para questões da realidade social, como tráfico e corrupção.

2. A vertente considerada popular(esca) dos *talk shows* populares traduz-se na agressividade – um dos elementos mais recorrentes nas paródias é o comportamento belicoso e provocador de plateia e convidados, que cumprem uma função causa-efeito: os convidados brigam e a plateia reage com ânimos exaltados. Embora os “barracos” não sejam tão comuns no programa quanto as paródias fazem parecer, o recurso à violência não deixa de ser um elemento presente no programa. A ênfase nas brigas pode ser considerada, ainda, uma “piada pronta” para as paródias, saída fácil para provocar humor. Ser popular, então, é falar alto, brigar, usar linguagem coloquial cedendo aos ímpetos mais primitivos e instintivos da natureza humana – afinal, se existe um lugar na televisão em que o barraco é autorizado, este lugar é *Casos de Família*.

3. O *talk show* popular é lugar de exposição de conflitos, mas também de resolução deles – a conciliação entre os lados opostos pode vir da apresentadora e/ou da psicóloga, e se em alguns momentos o programa estimula os desentendimentos, ao fim busca-se promover acordos e negociações que reestabeleçam minimamente o equilíbrio entre as partes.

4. Cada elemento do programa tem uma função muito bem definida a desempenhar –por meio do exagero e do ridículo, as paródias evidenciam que há um roteiro a ser seguido sempre, segundo o qual, de modo geral, os convidados contam e revivem seus dramas familiares no palco; a plateia aplaude, ri, grita e provoca; apresentadora conduz as entrevistas e concilia e a psicóloga dá o parecer técnico-científico.

5. *Talk show* popular é, também, humor – a predisposição ao riso presente nas paródias faz sentido, primeiramente, porque elas advêm de programas humorísticos. Porém, convencionou-se que esse humor é parte constitutiva do próprio *Casos de Família*, seja devido aos conteúdos apresentados (os acontecimentos são tão insólitos que levam ao riso), seja pela abordagem muitas vezes leve e bem humorada.

REFERÊNCIAS

- BORGES, G. Humor e qualidade na TV brasileira: um contrassenso? In: XIV CONGRESSO INTERNACIONAL IBERCOM, São Paulo, 2015. *Anais...* São Paulo, 2015.
- GAMSON, J. **Freaks talk back**: tabloid talk shows and sexual nonconformity. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.
- HARRIES, D. **Film Parody**. Londres: British Film Institute, 2000.
- HUTCHEON, L. **Teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- LIVINGSTONE, S.; LUNT, P. **Talk on television**: audience participation and public debate. Londres e Nova York: Routledge, 1994.
- MARTINS, R. A Trajetória do Talk Show Popular *Casos de Família*. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, São Paulo, 2017. *Anais...* São Paulo, 2017.

MITTELL, J. A cultural approach to television genre theory. **Cinema Journal**, 40, n. 3, p. 3-24, 2001.

SHATTUC, J. **The talking cure**: TV talk shows and women. Londres: Routledge, 1997.

TIMBERG, B. **Television talk**: a history of the TV talk show. Austin: The University of Texas Press, 2002.